



NA MEMÓRIA DE ESCOLARES REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM UM INTERNATO ESCOLAR/MISTO CATÓLICO, RS (1960 - 1970)¹

Cinara Dalla Costa Velasquez, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

cinaravelasquez@gmail.com

Introdução

Este artigo tem o objetivo de problematizar as representações² do feminino em uma escola/internato misto católico, na região central do estado do Rio Grande do Sul, no período das décadas de 1960 e 1970³, tendo como elo norteador a experiência educativa escolar vivida por alunos/as nessa instituição confessional, que amalgamou marcas indelévels em suas formações, em especial, sobre as orientações para as meninas. Ressalta-se, ainda, a importância incrustada, no tempo presente, nas memórias dessas escolares, que atribuem sentidos a essa formação escolar por elas vivida. Em conformidade com essa perspectiva ótica, a contribuição dos estudos da abordagem historiográfica da História Cultural, (CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2012), despertou a atenção dos pesquisadores, sendo que, através da abordagem metodológica da história oral⁴, (MEIHY, 2000), foi possível efetivar-se

¹ Discussão integrada à pesquisa *Memórias da Escola Nossa Senhora de Lourdes, RS: narrativas da Experiência Educativa em uma instituição confessional católica (1960 - 1970)*. Apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); Tese de Doutorado defendida em março de 2016, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha.

² A compreensão de representação a partir da história cultural implicou pensar que não existem objetos na história como produto natural. Assim, estreita-se a tese de que, por representações, pode-se entender "esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado" (CHARTIER, 2002, p.17).

³ Como recorte temporal, situa-se as décadas de 1960 e 1970, consideradas referenciais importantes do ponto de vista da expansão do número de matrículas de alunos e alunas na condição de internos/as.

⁴ Compreendida como uma metodologia qualitativa de pesquisa para o estudo do tempo presente. De acordo com José Carlos Sebe B. Meihy - a história oral - entre outras definições - pode ser compreendida como "um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como "história viva"

a análise das narrativas orais - operacionalizadas por meio de entrevistas. Para emprestar maior embasamento a isso, foram realizadas entrevistas com seis alunos, sendo quatro alunas e dois alunos, que foram internos no período referido e, em média, ficaram de três a cinco anos internos na escola e, quando de sua admissão, tinham a idade entre 8 a 11 anos.

O intuito precípua deste texto é problematizar quais os sentidos dessa formação escolar específica, uma vez que teve como espaço vivencial um internato misto e de confissão católica. Em todo o conjunto das narrativas, escolheu-se o tema comentado pelas alunas porque se refere às orientações sobre condutas que deveriam seguir, enquanto que algumas especificidades sobre regras e normas de civilidades indicam a representação sobre um aspecto caro à época histórica evocada, cujo tom ressalta a normatividade de civilidade da mulher – que se valeu do símbolo mariano, denotando, com isso, a representação do feminino à luz da imagem para a *sagrada missão*, um ideal feminino, que clama o pudor, o recato, culminando com a maternidade percebida como missão sagrada. Permite-se pensar, nessa direção, que, desde muito cedo, meninas e meninos aprendem a ocupar/reconhecer seus lugares sociais. As narrativas mostram a aproximação de traços de discursos sobre um ideal feminino que entrelaça o educacional e o religioso, por extensão, visibiliza espaços de uma História da Educação que se ocupa da subjetividade, das emoções de sujeitos que viveram e recompõem experiências, para isso utiliza-se, como referencial teórico, das contribuições da História Cultural.

Entre orientações e advertências: representações da escola internato

Com relação às orientações sobre o comportamento, é perceptível, nas narrativas das alunas, o surgimento de um discurso relativo à formação delas enquanto crianças e adolescentes, fortemente marcado por um ideal de menina e de moça, do qual submerge um comportamento feminino centralizado em um comportamento futuro, beirando ao sagrado, de como ser mãe e esposa.

Louro (2003, p. 7-8, grifo da autora) sobre o tema comenta:

Um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram - e estão - preocupados em *vigiar*, controlar, modelar,

(MEIHY, 2000, p.25). A história oral - de acordo com essa visão, enquanto metodologia, procurou apreender as narrativas dos sujeitos que viveram um processo social a partir de uma experiência em grupo, em uma instituição escolar.

corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres [...] esses múltiplos discursos, de distintas fontes, pretendem conformar, dar uma forma aos nossos corpos, eles nos falam, ao mesmo tempo, das "posições" que os sujeitos ocupam na sociedade.

De acordo com o comentário e articulando-o às narrativas das alunas, é possível apontar que, naquele processo educativo lembrado por elas, através das orientações que deveriam seguir, havia um criterioso cuidado para que, como meninas exemplares e "direitas", tivessem certos cuidados, seja em relação aos seus corpos, ao modo de ser e de se comportarem e, também, por meio das atividades específicas para que desenvolvessem habilidades específicas, como o bordar, o costurar e o pintar.

Chama a atenção, em todas as narrativas das ex-alunas, o enfoque dado sobre esse tema ao período de formação.

Maria Luiza, sobre as orientações e as advertências, lembra:

Nós éramos recomendadas a não ter contato com os meninos Não!, Deus o livre! Eu lembro de um episódio que duas meninas mandaram bilhetinhos pros guris e as Irmãs pegaram o tal bilhetinho. Falaram publicamente que elas tinham errado! Sabe, então, elas desfilaram no salão como se aquilo fosse um ato muito indigno. Humilhação em público! Nunca esqueci daquilo! Achei tão... Eram severas. A gente até com os irmãos... [O irmão também era interno] pra conversar tinha um dia definido, tipo uma visita. Sabe, o nosso dormitório era no segundo andar e os meninos, quando iam na capela da escola, eles ficavam em fila, eu lembro que eu cuidava quando os meninos estavam vindo para a missa. Era a forma como eu via o meu irmão. Eu espiava pela veneziana. Ficava olhando... Pra mim era uma emoção forte aquilo! Poder enxergá-lo! Sabe, porque na aula não podia nem conversar com ele, só via [...] a gente aprendia não só dentro da sala de aula, mas elas passavam outras coisas... Momentos pra bordar, pra fazer outras atividades que para mulher é interessante saber. Música fazia parte do currículo. A gente aprendia bordar... Eu lembro que eu aprendi a bordar e tricô.

Carmem comenta sobre as recomendações:

As Irmãs conversavam e diziam pra nós o que podia e não podia, de acordo com as regras. A Irmã (sic) fazia reunião com nós (sic), ela dizia que a gente, vocês meninas é bom ter o respeito, cada uma ficar no seu lugar. Isso faz bem pro resto da vida. Não me esqueço!

Sobre as orientações do comportamento, Cleonice lembra que:

As Irmãs recomendavam para nós não ir pro lado [dormitórios] deles. Não podia passar lá pro lado deles. Tinha um portão separando, que era um portão interno que separava e daquele portão não podia passar. Elas sempre impuseram a vida religiosa, o bem, amar a Deus, falar a verdade, ter respeito pelas pessoas, valores, isso aí, sempre passaram pra nós. Boas maneiras, diziam que as meninas deviam sentar coma as pernas fechadas, cuidar para não aparecer o sutiã, porque poderia induzir o menino a pensar mal, essas coisas elas passavam pra gente.

Por meio dos quadros de memórias⁵ de Lorena, Carmem, Maria Luiza e Cleonice, através das rememorações por elas reconstituídas, em especial sobre o discurso de formação para virem (conduzidas) a ser "moças de família", faz lembrar que "as mulheres [as meninas] deveriam ser mais educadas do que instruídas" (RAGO, 1997, p. 150).

Face à compreensão de que a educação, no sentido etimológico, aponta para a ideia de "conduzir para"⁶, sendo que a formação delas, na condição de meninas, parece ter sido orientada sob um discurso hegemônico vigente para aquele contexto social e cultural, o qual traz marcas discursivas de que as mulheres deveriam ser educadas para desempenharem o papel de "moças de família" e exemplares esposas e mães.

Através do símbolo mariano, se apelava tanto para a *sagrada missão* da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 2008, p. 447, grifo da autora).

As concepções e as orientações sobre como deveriam se comportar e se preservar para que os meninos não pensassem mal delas, conforme lembrado por Cleonice, ressalta que as meninas tiveram intensa orientação e supervisão sobre o modo de como deveriam agir e pensar, sendo que seus corpos deveriam, segundo narram elas, ser cuidadosamente preservados, tanto na postura de como sentar ou no modo de como se vestiam. Sobre o

⁵ Considera-se, da mesma maneira que Halbwachs (2006) estuda a memória, que não há memória individual separada de uma memória social. A força da representação da memória, segundo o autor, está no fato de que toda memória individual é social. Nessa direção, as narrativas orais dos colaboradores/as portam a memória de uma instituição, mas sem deixar de trazer a memória da rede social de que fazem parte.

⁶ Do latim educare na acepção original. Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>

comportamento feminino, na 5.^a Reunião, no ano de 1967⁷, há o seguinte registro: “passou-se a examinar a conduta das internas, as quais continuam um tanto mal comportadas fora da sala de aula”.

Considerando o espaço de formação da escola como uma instituição confessional católica, permite pensar que as meninas, também os meninos, mas marcadamente nas narrativas das meninas, elas aprendiam, logo na admissão, no internato, o lugar, a conduta, o espaço e os papéis que deveriam ocupar. Isso fica explícito em: "os indivíduos aprendem, desde muito cedo, a ocupar e /ou a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social [escola], através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer" (LOURO, 2003, p. 22).

Diferentemente das narrativas das alunas, os alunos Antonio Cesar e Marco não trazem, em suas narrativas, temas que façam referência a orientações como deveriam se comportar em relação às meninas, ou cuidados de como se vestir. Sobre o comportamento das meninas, Antonio Cesar, ao dizer que eram "indisciplinadas e problemáticas", é possível pensar que essa representação dele sobre a indisciplina das meninas esteja ligada à memória que ele traz da sua irmã, que também era interna na escola. Sobre isso, comenta ele:

A minha irmã ela era indisciplinada, brigava com as outras meninas. Uma vez uma freira colocou ela de castigo e ela "avançou" na freira. Isso foi considerado na época um ato indisciplinar muito grave. As freiras iam expulsá-la, mas avisaram o pai [...] ele levou ela de volta pra Santiago, ela venho pro Medianeira [colégio de religiosas católicas, na época com internato para meninas].

Por meio desse quadro-memória reconstituído por Antonio, aproxima-se a narrativa da aluna Cleonice que, de forma diferencial, em relação a todas as narrativas, perfila um tom avaliativo sobre a presença de meninas que tinham problemas sérios e que, segundo ela, estavam internas na escola porque eram problemáticas e rebeldes:

Com o passar do tempo, dentro do internato, eu fui vendo meninas que tinham problemas sérios. Teve a (sic), ela tinha problemas com drogas, ela chegou na metade do ano. Ela era muito estranha. Ela era muito bonita. Tinha cabelos encaracolados, meio claros. Uns olhos azuis bem esbugalhados, branca, branca, seca. Ela chamou atenção, e era muito

⁷ Fonte consultada: Livro Crônica da escola, 1967. Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes, Vale Vêneto (RS).

inquieta. Eu acho que ela tava lá, acho que os pais fizeram de que ela largasse essas drogas; ela não escondia de ninguém porque ela estava ali; e ela falava sobre maconha, LSD, o que eu aprendi de droga foi com ela, aprendi não! Eu ouvi as primeiras palavras de droga, foi com ela! O que mais me chamou atenção foi sobre a flor da droga [papoula]. Ela se metia em cada encrenca! Inclusive ela namorou com um menino dali e ele ajudou ela a fugir do internato. Fugiu e não voltou mais. E nós ficamos sabendo só no outro dia que ela tinha fugido. Nunca mais eu ouvi falar dela. Fugiram duas na minha época. Fugiu a (sic) e a (sic), eu me lembro que ela usava o cabelo muito curto e o cabelo era preto e eu me lembro que ela tinha uma voz linda, linda! Ela cantava pra nós! Ela tinha uma voz linda! Eu me lembro que ela estava interna lá, por causa de problemas. Ela também fugiu. Mandavam pra lá [as famílias, os pais] pra corrigir. Corrigir e disciplinar, porque eu sei que tinha certas gurias, a maioria delas, que eu comecei a conhecer elas, que eram muito rebeldes, fumavam escondidas [maiores]. A (sic)..., ela era de Itaquí. Ela era rebelde. Incrível como ela era rebelde! Desbocada. Tinha colegas de vários lugares. A (sic)..., ela era de São Sepé. Ela foi interna porque ela era filha adotada. Ela era no caso afro. Era a única afro que tinha junto com a gente. Ela muito rebelde! A mãe, os pais de criação [adotivos] podiam pagar. Colocaram ela lá colocar disciplina nela. Ela era uma criança problemática. A (sic)..., ela era rejeitada pelos pais verdadeiros e foi adotada por esse casal [...]. Muitas tinham problemas. Lá, era um depósito onde os pais não conseguiam lidar, mas na época não se falava nisso. Tempos depois, mas isso eu já estava adulta, a Irmã (sic) me disse que os pais não podiam com a vida daquelas gurias e mandavam pra lá, pra disciplinar, e por isso a disciplina era tão rígida (Cleonice, 2015).

As palavras de Cleonice trazem agudas reflexões sobre os aspectos da internalidade da rotina na escola internato, mas, notadamente, sinaliza para questões mais sutis, como o perfil das alunas que eram diferentes culturalmente, visto a diversidade de suas localidades de procedência. Por sua vez, carrega um espaço de convívio entremeado a um forte híbrido social e cultural, embora estabelecida em um vale, marcadamente alicerçado em uma cultura de descendentes de italianos, os quais foram os primeiros a se estabelecerem na localidade.

Congregações religiosas femininas católicas: entre a educação e a religião

No espírito do século 19, a reforma empreendida pela Igreja Católica no Brasil, sem dúvida, transformou a vida religiosa feminina, sendo criadas organizações religiosas específicas para mulheres católicas. A partir da metade do século 19, houve, por parte do bispado brasileiro, um esforço para recompor a Igreja e, para isso, foram criadas associações femininas de piedade, enquanto ganham mais espaço os movimentos religiosos nos quais a presença feminina tornava-se fundamental. Diante disso, pode-se pensar que a clericalização do catolicismo brasileiro, no período, também possibilitou, em parte, a feminização do

catolicismo. Embora essa feminização tenha ocorrido por uma maior incorporação das mulheres em diversas congregações religiosas femininas, está "longe de significar um investimento das mulheres no exercício do poder sagrado", (NUNES, 2008, p. 490). Como reflexo disso, muitas mulheres foram beneficiadas por essas ideias e foi, em meio desse cenário, que houve uma expansão considerável de associações católicas, mas, principalmente, no campo da educação, a criação de uma rede expressiva de escolas católicas, que tinham, sob sua direção, religiosas estrangeiras. Também, nesse período, houve um avanço na implantação das instituições escolares para meninas, sendo que as religiosas foram fundamentais. A visibilidade das mulheres nesse meio, marcadamente revestido de um laicato masculino, deve ser compreendida como um processo lento e difícil ao longo da história ocidental.

Conforme Michelle Perrot (1998, p.117), "o militar, o religioso, o político, como as três ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres", ainda que muitos avanços possam ser vistos na contemporaneidade, mas, como observa Perrot (1998, p.137), "a zona de resistência mais forte está no meio religioso". São antigas as raízes dessa resistência, especialmente entre as religiões monoteístas (o judaísmo, o cristianismo e o islã). Conforme a autora, "Deus não tem sexo, mas é pensado como sendo do gênero masculino", motivo pelo qual, no período medieval, as mulheres eram excluídas da palavra e do sacerdócio, a pregação era reservada exclusivamente aos clérigos, "as mulheres constituem seus auditórios mudos" (Ibid., p.138). Se, por um lado, ao longo da história, as igrejas protestantes - luteranas e calvinistas- rompem e abrem espaços para mulheres pastoras -, um contraponto se vê, por parte da Igreja Católica - até nossos dias, sua obstinação em não aceitar a ordenação das mulheres. "Nessas condições, podemos nos perguntar se o catolicismo - como o islã, por outras razões - não continuará sendo o último bastião da resistência da entrada das mulheres no espaço público religioso. Em certa medida, é possível que o militar e o político deem lugar mais rapidamente que o religioso" (Ibid., p.140).

A historiografia, até o século 19, vela a vida feminina, acirra a presença-ausência que é uma constante no cotidiano das vidas femininas. Mulheres se refugiam em diários íntimos, em salas de estar, em cantos e em recantos de aposentos, onde somente sua sombra se vê. Muito comum para as sociedades da época, a voz, os gestos e as atitudes são desejos de uma sociedade que as trata com reservas, sendo que "o silêncio é um mandamento reiterado

através dos séculos pelas *religiões*, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento” (PERROT, 2005, p. 9, grifo da autora).

No recorte desta reflexão - que diz respeito à educação escolarizada - em uma escola na modalidade de internato misto, o enfoque é a formação diferencial que as meninas - alunas egressas – são obrigadas a vivenciar durante o período escolar experimentado por elas na condição de internas; visto ser perceptível que as orientações a elas recomendadas são distintas e muito específicas, em especial, sobre a formação de virem a ser "moças respeitadas". No entanto, é oportuno comentar que: se, por um lado, nesse espaço de educação escolar, meninas aprendiam a ser "moças respeitadas e direitas", de outro, pode-se pensar, que, desse mesmo espaço, as educadoras religiosas assumiam, na cena pública e clerical, um local que lhes permitia a visibilidade, enquanto mulheres e religiosas, fato esse, como comentado por Michele Perrot, é uma das instâncias mais difíceis de sua ascensão. A possibilidade de ascenderem às instâncias formais da educação, assim, "consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestar o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade" (NUNES, 2008, p. 494).

Nessa direção, é plausível pensar que há um discurso paradoxal, visto que, se as mulheres, na condição de religiosas, frente à direção de congregações (colégios), conquistaram maior visibilidade pública, por outro, cabe pensar que, nesses espaços, se reproduziam discursos que determinavam o papel e o lugar a serem ocupados pelas meninas - ou seja, à luz do discurso mariano, deveriam se constituir como mulheres exemplares, principalmente, no tocante à representação da figura pura, recatada e que têm a incumbência, no âmbito do espaço social, de zelarem por seu papel maternal, que detém a responsabilidade de educar e formar gerações de bons cristãos católicos e, por consequência, bons cidadãos.

Em conformidade com essa visão, o paradoxo disso reside no fato de que, nos espaços de educação escolar, que foram os colégios, mantidos por congregações religiosas católicas femininas, a partir dos fins do século 19 e início do 20, fica evidente ter sido uma prática recorrente na história da educação no Brasil, em especial, nos estados do sul do país, notadamente nas localidades de colonização (LUCHESE, 2007). A difusão dessas escolas de religiosas visibilizou a presença das mulheres no cenário público da vida clerical católica, ao mesmo tempo revela terem sido as religiosas as difusoras de um discurso sobre a representação de um ideal de mulher, o qual estabelece os liames entre o discurso da educação

e da religião católica conservador e tradicional, em que sobressai a representação do feminino como instância de procriação e educação moral de seus filhos/as.

A representação da menina recatada, contida, em face de um futuro como mãe e esposa, coube ao ideário escolar religioso nesses espaços de formação, cuja narrativa era a formação de uma representação de como ser mulher, sob a ótica de um conjunto de atividades que propunham a normatização das alunas (nesse caso, das estudantes internas). Essas práticas eram distribuídas por meio de atividades diferentes, compreendidas como uma série de dispositivos, como a prática ritual de uma certa liturgia escolar (BOTO, 2014), que se fazia nas regras de comportamento, como o silêncio, o modo de se vestir, sentar-se, pontualidade e ordem. Sob essas atitudes comportamentais, construía-se uma estética e uma ética, personificadas no uso de uniformes sóbrios que, “avesso à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados e combinava-se com a exigência de uma postura *discreta e digna*” (LOURO, 2008, p.461, grifo da autora).

O reconhecimento e o prestígio de grande parte dessas instituições, como as escolas/internato misto católico, mobilizavam famílias de todo o estado do Rio Grande do Sul, como se percebe na narrativa de uma aluna da década de 1960, no internato misto de Vale Vêneto, RS:

A formação [...] a gente aprendia não só dentro da sala de aula, mas elas nos passavam outras atividades; a gente estava lá com um objetivo, era a formação. Foi muito importante o que a gente teve lá, base religiosa, espiritual, moral, compreende? Isso é muito importante. Eu lembro que à noite, elas colocavam um tipo de história, não tinha televisão na época e nada, mas tinha os microfones e era colocado histórias pra a gente ouvir até dormir... Histórias em geral sobre família, sobre bebês e orientações. A religião da minha família é católica e nós tivemos uma formação católica, então isso ajudou, porque a formação religiosa de lá era normal pra mim. Nós viemos, todos, de família católica. Eu tinha na época oito anos e completei nove anos no internato. O desejo da família, dos meus pais era que a gente estudasse lá; na época, Vale Vêneto era uma das escolas que estava na lista das boas escolas com internato, e aí fui eu, meu irmão gêmeo e meu primo (Maria Luiza, interna de 1958 a 1962).

Dessas representações, recompostas pelos quadros-memória das alunas, percebe-se fortemente que a formação escolarizada em instituições religiosas católicas, desde o século 19 e meados do 20, tem como norma a representação do que se quer produzir sobre o papel e o lugar social que as mulheres devam ocupar; ou seja: se no século 19 houve uma intensa organização de escolas católicas, dirigidas por religiosas, ainda no século 20, como o caso do

internato/escola misto católico no Vale Vêneto, RS, há expressiva presença dessas instituições.

É importante ponderar que essas escolas tiveram total apoio da Igreja Católica, sendo que a "A Igreja, através dos bispos, preocupados com o avanço do protestantismo e com a educação laica, investe fortemente na vinda dessas congregações para o Brasil" (LOURO, 2008, p. 492). As educadoras religiosas, nesse sentido, investem em um discurso próprio de um contexto cultural e social muito específico, no qual a representação do feminino, de seu papel e do lugar social a ser ocupado pelas mulheres é o investimento que diz de sua "natural missão maternal". Em conformidade a essa visão,

Os colégios religiosos, por sua vez, veiculam uma educação de caráter fortemente conservador, centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional. As devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas, das quais as mulheres são as maiores divulgadoras, têm na supervalorização da figura da Virgem Maria, uma de suas principais características. O simbolismo da figura de Maria, virgem e mãe, é marcante para as mulheres [...] erigindo a virgindade em culto, é o controle da sexualidade feminina e a *normatização dos comportamentos sexuais que a Igreja visa* (Ibid., p. 495, grifo nosso).

Essa forma de representação do feminino e de sua formação pode-se ser associada à narrativa de Lorena, que faz referência sobre isso:

Nós tínhamos orientações sobre como nos vestir. A Irmã sempre dizia que nós deveríamos usar uma tira [faixa] para cobrir, apertar os seios, elas diziam que os seios não podiam deixá-los salientes porque nós estávamos juntos, na hora do recreio, meninas e meninos juntos, então poderia despertar, provocar. [...] a gente reprimiu o que era normal. Como se fosse algo errado. Era o tal do pecado (Lorena, 2015).

Por meio da narrativa acima, pode-se inferir que as meninas, assim como os meninos tiveram a oportunidade de receber uma escolarização aprimorada na condição de internos, em um mesmo espaço de educação escolar e, por ser fato esse muito específico, nota-se que as orientações para elas constituíam-se no diferencial. Em face do comentado, a escola/internato representa um lugar privilegiado - que tem, enquanto instituição de formação, a preocupação de que, através de diferentes atividades distribuídas na rotina diária das internas, a vigilância, o controle sobre seus corpos fossem olhados com maior atenção.

Com base nessas conceituações, é plausível pensar que os processos educativos - todos eles, por extensão, a educação escolarizada - mostram o quão os corpos dos sujeitos, seja os

dos meninos e os das meninas, são uma constante preocupação, que devem ser cuidadosamente vigiados e, conseqüentemente, uma vez desviados da conduta padrão devem ser modelados e corrigidos (LOURO, 2003).

Se, no conjunto das narrativas, a representação da formação e das orientações pelas meninas recebidas na escola/internato mostra o ideal de um lugar e do papel a ser ocupado em uma sociedade que, no período em análise, pautava-se por uma representação do feminino associada à imagem da pureza, encimada pela figura emblemática da Virgem Maria, imagem que mescla o discurso da religião e o do civismo, é notadamente o "modelo ideal" esperado para as meninas, em vista de virem a ser exemplos de mães e esposas. Disso se deduz que os valores patrióticos e cristãos estão fortemente relacionados, uma vez que, na metade do século 20, o discurso cristão e o nacionalista eram revigorados no país. Como consequência, a relação dos princípios cristãos com o patriotismo, no período, foi uma articulação "necessária à concretização de uma cultura brasileira, com a socialização dos educados [meninas], associados ao ideário nacionalista que mostrava que o *novo* projeto do Estado era preocupação recorrente que urgia ser executada no âmbito da educação escolarizada" (CUNHA, 2013, p.154, grifo da autora).

A exigência de um discurso tradicional e conservador, em relação aos papéis e aos lugares que deveriam ocupar as mulheres na sociedade à luz desses princípios - como o foram os da religião e os do nacionalismo -, coloca em relevo uma questão fortemente presente na escolarização em instituições religiosas católicas: seu acentuado discurso e investimento, frente a atividades diversas (como as aulas de bordar, pintar, de boas maneiras, em especial, para as meninas), para que aprendessem a vir a ser "moças direitas", quiçá mulheres que tinham a responsabilidade social - no papel materno - de educar os filhos e as filhas sob os preceitos morais da religião católica, mas, também, sob a ótica do civismo e do patriotismo.

Nesse contexto, pode-se pensar que as meninas, cuja formação, muito particular, foi aprimorada em uma escola/internato misto católico, nas décadas de 1960 e 1970, na região central do Estado do Rio Grande do Sul, tiveram as representações dessa formação reelaboradas, no tempo presente, pelos seus quadros de memórias, talvez já bastante alterados pelo tempo, mas que sinalizam marcas e efeitos dessa vida de escolar, na qual fica forte essa representação: ser aluna interna em uma escola/internato, no período, exigia, por parte das famílias, um considerável capital financeiro, visto que, para manter as filhas e os filhos na

instituição, as mensalidades eram pagas com antecipação conforme foi lembrado por uma Irmã que, na última década de atividade da escola, foi diretora da instituição,

O pagamento das mensalidades era o que mantinha o internato. Havia descontos, mas não muitos. O perfil dos alunos era variado. Tinha alguns pobres, filhos de agricultores, que tinham certa dificuldade financeira, eram ajudados por tios, mas a maioria eram filhos de fazendeiros, filhos de estancieiros, gente lá do interior de Santana do Livramento, RS, de Uruguaiana, RS, de Cacequi, RS e Santiago, RS. (Irmã Terezinha, 2014).

Isso significa que a escola, para além de se constituir em um espaço de escolarização, também se pontificou como uma instituição formadora de gerações para que moças, que lá receberam uma formação diferenciada, se constituíssem, face ao futuro - boas mães e esposas; e o acesso a essa formação específica - em uma escola/internato misto católico particular -, em parte foi possível graças à posição social e condições econômicas favoráveis que as famílias dispunham. Fica forte a representação de que estudar na escola/internato, muito além de as internas terem recebido uma boa formação escolar, parece incidir que, também, foram "moldadas" de acordo com os preceitos morais católicos que a escola seguia. Por sua vez, a efetivação de um projeto educacional religioso, centrado em uma formação com o objetivo de civilizar, moralizar e construir um tipo ideal de sujeito, ou, ainda, pode-se dizer: uma representação ideal do feminino à luz da religião e da educação.

Desde o século XVII, a marca estrutural dos colégios religiosos (tanto em países protestantes quando nos países católicos) impusera um padrão educativo pretensamente constituído com o propósito de atuar como referência civilizatória; estabelecendo-se, a seu tempo, como severo paradigma institucional (BOTO, 2003, p. 379).

Considerações finais

Pela análise das narrativas, foi possível ver confluências nas representações construídas sobre a formação escolar e as orientações de comportamento que recebiam com base no espaço vivido. As memórias das discentes mostram indicativos do papel da escola e de sua formação na localidade, na região e em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Lá foram educadas meninas de pouca idade, umas com pouco mais de oito anos, outras com 11 anos, cuja permanência, em média, no internato, era de três a cinco anos. Trata-se de uma experiência específica pelo fato de residirem em uma escola, na condição de internas e que,

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

também, havia meninos internos - fato esse que imprimiu ao educandário um traço característico que o notabilizou e se constitui como sua marca diferencial.

Pensa-se que as imagens-lembranças das alunas apontam importantes sentidos e atribuições que são as representações que manifestam e dizem de uma memória coletiva, partilhada do vivido e do socializado por elas, em um grupo e em uma instituição, na qual viveram parte de suas vidas escolares e voltam o olhar para recompor o que *possivelmente foi* (PESAVENTO, 2012). Nessa direção, o comentado por elas, se não traz o passado e como foi, no entanto permite o seu acesso e a sua representação, porque a memória é diversa, "pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 420).

As representações, que as memórias de escolares construíram sobre a formação no internato, trouxeram questões específicas sobre as orientações de como se comportarem, vestirem-se, preservarem seus corpos. Isso permite destacar que a memória coletiva e individual dessa experiência educativa, em uma instituição confessional de internato/misto, narrada por elas, fez perfilar, de seus quadros de memórias, uma representação que aponta para uma formação ideal de um tipo muito específico do feminino. O modelo desejado e ideal do feminino é o da pureza, do recato, que se estreita ao discurso difusor de instâncias - da religião e o da educação -, que, como espaços difusores dos processos educativos civilizatórios -, parece ter sido um espaço que soube forjar e legitimar a representação do feminino à luz do discurso moral cristão.

Comportamentos, normas, discursos, interditos - representações do feminino - que emergem das memórias, talvez esmaecidas pelo tempo, selecionadas ou silenciadas, esquecidas, mas também ressignificadas, aliam-se à investigação que a "histórica tentou pensar de outro modo a leitura das sociedades, esforçando-se por penetrar no labirinto das tensões que as constituem" (CHARTIER, 2002, p. 77). E, diante disso, a escrita da História da Educação, pensada a partir das memórias de alunas e de sua formação, é um importante material para se analisar, sob diferentes enfoques, a história dos nossos dias e sua representação. O modelo de educação escolar, na escola em análise, revela uma importante face da historiografia da educação no estado no Rio Grande do Sul, no período das décadas de 1960 e 1970, através de um modelo de escolarização que se mantém guardado na "história viva" (BOSI, 1994) dos sujeitos que por ela passaram. Aponta, ainda, ter sido uma experiência que visibiliza uma comunidade de memória que mostra forte sentimento de

pertença à escola/internato, empresta relevo diferenciado à formação dispensada às internas e dá maior visibilidade aos seus (inter)ditos.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classe, por escrito. *Cad. Cedes*, Campinas, v.23, n.61, p. 378 - 397, dez., 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

_____. A Liturgia da Escola Moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. *Hist. Educ. [Online]*, Porto Alegre, v.18,n.44, p.99-127, set./dez.,2014. Acesso em: mar. 2015.

CHARTIER, Roger. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Das mãos para as mentes. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945- 1952). *Educar em Revista*, Florianópolis, n. 49,p.139- 159, jul./set. 2013.

HALBWACHS, Maurice. Tradução de Beatriz Sidou. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORY, Mary Del; BASSANEZI, Carla. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443- 481.

LUCHESE, Terciane. *O Processo Escolar entre Imigrantes na Região Colonial Italiana no RS- 1875 a 1930: Leggere, Scrivere e Calcolare Per Essere Alcuno Nella Vita*. 2007. 495f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORI, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 482-509.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar - Brasil 1890 - 1930*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, Memória e História da Educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). 4. ed. *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol.III: Petrópolis, RJ: Vozes, 2011,p .416-429.

Entrevistas analisadas no artigo

Antonio Cesar , em 08 de janeiro de 2015.

Carmem, em 28 de outubro de 2014.

Cleonice,em 05 de fevereiro de 2015.

Lorena, em 15 de janeiro de 2015.

Maria Luiza, em 06 de fevereiro de 2015.

Irmã Terezinha, em 28 de outubro de 2014.